

colonização e imigração, ambos na segunda metade do século. E então a velha vila de São Carlos, agora novamente denominada Campinas, fará jus ao título de **capital agrícola de São Paulo**.<sup>4</sup>

\*

## 2. HÉRCULES FLORENCE\*

O velho bonde da “Tração” — linha 9, **Botafogo** — descia pachorrentamente a rua Saldanha Marinho. Quase no fim desta via pública, antes de passar a Culto à Ciência e, depois, retornar pela Andrade Neves, precisava embarafustar por uma pequenina e estreita rua, de apenas uma quadra, que servia de ligação entre as duas primeiras, já nas imediações do tradicional Ginásio do Estado. A manobra exigia habilidade dos motorneiros, pois dada a estreiteza da minúscula rua, o velho bonde quase ia de encontro à casa da esquina, com inevitável susto dos passageiros, dos transeuntes e especialmente dos moradores da casa, que eventualmente estivessem à varanda. Garoto residente nas imediações, divertia-me vendo a complicada manobra que fazia o bonde quase saltar dos trilhos. A minúscula rua tornou-se-me, por isso, bastante familiar. Lembro-me de que a casa da esquina ostentava uma placa indicativa do nome da rua, coisa rara em Campinas, que foi sempre uma cidade deficiente em matéria de emplacamento de ruas. Na placa da casa do lado esquerdo de quem entrasse pela rua, lia-se **Rua Hércules Florence**. O sobrenome, obviamente, não me era estranho. Sabia que no Guanabara existia uma rua de igual sobrenome, não me passando pela cabeça, contudo, a menor associação entre os dois nomes homenageados. Embora menino, via freqüentes referências a numerosos e dignos Florences, provavelmente parentes daquele que, para mim, era apenas o nome da rua onde o bonde “Botafogo” virava...

Um dia, perguntei à minha professora do grupo escolar quem era Hércules Florence. O mais que ela soube dizer-me foi que lhe parecia ter sido um francês que aqui residira há muito tempo. Nada mais. E naquela idealização da professora que, para o pequeno aluno de grupo, era necessariamente a pessoa que mais devia saber, não me ocorreu perguntar a mais ninguém a respeito do homem que começava a me intrigar. Se minha

(4) Registre-se que o **Quadro Estatístico** do Marechal Müller, foi reeditado fac-similarmente, com base na 2ª edição, pelo Governo do Estado de São Paulo, na preciosa **Coleção Paulística**, vol. XI, com excelente introdução de Honório de Sylos (1978).  
 (\*) Conferência proferida por Odilon Nogueira de Matos na sessão especial, comemorativa do centenário do falecimento de Hércules Florence, em 27 de março de 1979, no auditório da Academia Campinense de Letras.

professora não sabia, certamente ninguém mais poderia saber. E assim, com o tempo, fui vendo minha simplicidade conformar-se com a ignorância, mas sem jamais esquecer o curioso nome da rua em que o bonde “Botafogo” precisava de tanta ginástica para nela poder entrar. E assim decorreria o tempo necessário a que aprendesse sozinho o que não me souberam ensinar.

Deixando Campinas pouco antes da Revolução de 1930, fui residir na grande e bela cidade mineira de Juiz de Fora. Um dia, na biblioteca do Granbery, o famoso colégio metodista em que estudava, feliz acaso fez-me cair às mãos um volume já bastante antigo da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Demonstrava já nessa época, embora ainda simples adolescente, o pendor pelos estudos históricos, que viria marcar toda a minha vida. Assim, foi com real prazer que folheei e em grande li aquelas páginas amarelecidas de um volume na ocasião já velho de quase meio século. Nele encontrei um estudo assinado por nome que desde a infância aprendera a respeitar — o de Alfredo d’Escragnonne Taunay, Visconde de Taunay — e a cuja família nos ligavam estreitos laços de parentesco. O trabalho que então li intitulava-se **Estrangeiros ilustres e prestimosos no Brasil**. Oferecia, como o título estava a indicar, um elenco dos “estrangeiros ilustres e prestimosos que concorreram, com todo o esforço e dedicação, para o engrandecimento intelectual, artístico, moral, militar, literário, econômico, industrial, comercial e material do Brasil, desde os princípios do século XIX até 1892”.

O elenco de Taunay, como não poderia deixar de ser, começava pelos franceses, e destes, como também não poderia deixar de ser, vinha em primeiro lugar sua própria família, estabelecida no Brasil em 1816, quando D. João VI teve a feliz iniciativa, estimulado pelo Conde da Barca, de contratar na Europa, especialmente na França, uma missão artística para fundar no Rio de Janeiro uma Escola de Belas-Artes. Depois dos Taunay, dos demais integrantes da missão e de mais alguns franceses estabelecidos na Corte, registrava o autor o nome de Hércules Florence, com a seguinte justificativa: “Desenhista, viajante e escritor, a ele se deve a única e interessante narrativa da malograda Expedição Langsdorff; homem de índole muito inventiva e observadora, nascido em Nice a 29 de fevereiro de 1804, fundou respeitável família em Campinas, onde faleceu a 27 de março de 1879”. Pronto! Estava revelado, para o adolescente curioso, o patrono daquela pequenina rua campineira, onde virava o bonde “Botafogo”!

Nessa singela frase do Visconde de Taunay, suficiente porém para o escopo que tinha em mira, algumas coisas chamaram minha atenção. Entre elas o ter sido Hércules Florence o autor da “única e interessante narrativa da malograda Expedição Langsdorff” e o ter sido “dotado de índole muito inventiva e observadora”. Quem havia sido Langsdorff — de

quem, confesso, ainda não tinha ouvido falar — foi o mesmo trabalho de Taunay que m'o revelou, pois entre os russos "ilustres e prestimosos" (embora fosse alemão), encontrei: "Barão de Langsdorff, de origem alemã, explorador, sábio naturalista, escreveu o primeiro guia do imigrante no Brasil, em 1821, e foi chefe da desventurada expedição que tomou o seu nome e visitou grande parte de Mato Grosso, etc." Restava, ainda, associar os dois nomes, já que havia encontrado referências capazes de identificá-los. Mais uma vez o acaso veio em meu favor. Passeando na capital, nas férias, fui, creio que pela primeira vez, ao Museu Paulista (Ipiranga) e lá, com surpresa, vi a reprodução de numerosos quadros do homem que tanto estava me interessando, diria mesmo me intrigando. Era diretor do Museu o grande historiador Afonso de Taunay, filho do autor da **Retirada da Laguna** que me revelara numa só frase a figura de Hércules Florence. Nos dias passados em São Paulo tivemos (meu pai e eu) oportunidade de visitar o grande mestre de nossa História, diretor do Museu, a quem chamávamos carinhosamente de primo Afonso. Ainda não o conhecia, a não ser, naturalmente de nome, como autor dos **Grandes Vultos da Independência Brasileira**, belo volume com que meu pai me presenteara logo que comecei a ler. Encantou-me aquele homem imenso, alto, alourado, de bela estampa, um dos homens mais belos que hei conhecido, e sobretudo encantou-me sua simplicidade e a generosidade com que tratou aquele garoto de pouco mais de catorze anos, a quem fazia questão de chamar de "primo". Nem de longe poderia imaginar que, anos depois, tanto viria a dever ao grande mestre em minha formação cultural e, menos ainda, que um dia viria a escrever-lhe a biografia, por ocasião de seu centenário.

Minha curiosidade levou-me a indagar de Hércules Florence, ainda mais que já tinha visto seus quadros — ou melhor, a reprodução deles — no Museu de que "primo Afonso" era o diretor. Foi quando recebi de suas mãos o opúsculo contendo a tradução feita por seu pai de uma parte do relatório de Hércules Florence sobre a malograda Expedição Langsdorff. Tratava-se de uma separata da "Revista do Museu Paulista", publicada em 1928 e tinha por título **De Porto Feliz a Cuiabá**. Fora dada à estampa pela primeira vez em 1875, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a reprodução que Taunay então me ofereceu continha apenas a primeira parte do relato, ou, como o título o indicava, o trecho "de Porto Feliz a Cuiabá".

Minha curiosidade pela literatura de viagens e aventuras, que começou, tal como a de Hércules Florence, pelo **Robinson Crusóé**, que li numa adaptação infantil publicada em capítulos numa revista protestante intitulada "Bem-Te-Vi", fez-me procurar, lida a primeira parte, conhecer a continuação do relato de Hércules Florence, ou seja, de Cuiabá em diante. Na época, esse texto só era encontrado na Revista do Instituto Histórico e

Geográfico Brasileiro, e, morando numa cidade de interior, não me foi possível encontrar a preciosa publicação em seus números do ano já então longínquo de 1875. Demorei um pouco a satisfazer essa curiosidade. Um ou dois anos depois, num “sebo” da rua Benjamim Constant, na capital paulista, encontrei e adquiri o extenso livro de Estêvão Leão Bourroul sobre a curiosa figura do franco-campineiro, cujo centenário de falecimento hoje comemoramos. O livro de Bourroul revelou-me Hércules Florence de corpo inteiro.<sup>1</sup> E tendo já lido os relatos traduzidos pelo Visconde de Taunay, em parte citados e glosados no livro de seu compatriota, foi-me possível acompanhá-lo nas peripécias da jornada langsdorffiana que tanto o celebrizou e, mais ainda, permitindo-me conhecer em toda sua extensão a “índole inventiva” desse homem extraordinário, a que Taunay se referia no elenco dos “estrangeiros ilustres e prestimosos no Brasil”.

A leitura dos relatos de Hércules Florence levou-me a uma associação bastante comovente com fato que em nossa casa era relatado desde minha infância: a morte, afogado num dos rios de Mato Grosso, do mais jovem dos Taunay vindos em 1816 com a missão artística contratada na Europa por D. João VI. Pois fora na mesma Expedição Langsdorff, descrita por Hércules Florence, que perdera a vida Amado Adriano Taunay, chamado quase à última hora para substituir o desenhista principal da expedição, que se desentendera com Langsdorff. Chamava-se este desenhista principal João Maurício Rugendas e — como “a quelque chose malheur est bon” — de seu desentendimento com o cientista alemão resultou que Rugendas passou a viajar por conta própria, o que lhe propiciou escrever um dos maiores monumentos de nossa literatura de viagens, indispensável, pelas suas estampas ( e tal como o de Debret ) para o conhecimento da vida brasileira daquela época. Tivesse Rugendas seguido com a expedição e certamente não teríamos hoje sua grande obra, e talvez até nem mesmo retornasse, como aconteceu com diversos dos expedicionários, a começar pelo seu substituto, que se tornou, com apenas vinte e um anos de idade, a “mais ilustre vítima do Guaporé”, no dizer do Visconde de Taunay, seu sobrinho e que lhe escreveu a biografia no belo livro **A cidade do ouro e das ruínas**.

A associação de Hércules Florence com os Taunay despertou-me ainda maior interesse pela figura do inventor da fotografia, mas que me interessava, na ocasião, apenas como participante da malograda expedição. Todavia, um interregno de dois anos, que me levou a residir em outro Estado, fez-me pôr de lado toda a preocupação em torno de Hércules Florence, Langsdorff, expedições científicas e a própria cidade

(1) Bourroul, E. L. — **Hércules Florence: ensaio histórico-literário**. São Paulo, Tip. de Andrade Mello & Cia., 1900.

de Campinas. Mas, retornando a São Paulo em princípios de 1936 e ali me fixando para, na grande cidade, morar por mais de trinta anos, voltaram-me ao espírito as mesmas preocupações. Voltei a ler o que se escrevera sobre o assunto ( que, aliás, não era muita coisa ), e na leitura dos viajantes estrangeiros, cujas obras aos poucos iam sendo traduzidas para a nossa língua ( pois suas edições originais eram raras e caríssimas ) encontrei novos elementos e, diria mesmo, novo encanto e nova motivação para meus estudos e pesquisas. A freqüência ao Arquivo Estadual, então localizado à antiga rua Visconde do Rio Branco ( transformada em Avenida Rio Branco depois do alargamento ), revelou-me numerosos e interessantes documentos sobre os primeiros tempos de Campinas e que constituíram objeto de uma série de artigos que publiquei em 1937 e 1938 no "Diário do Povo", graças à gentileza de Mário Erbolato, meu companheiro de infância e que, naquela época, iniciava-se na vida de imprensa no velho jornal de Washington Cardoso. Ali também fiz publicar, em 28 de março de 1937, um "rabisco" sobre Hércules Florence, exatamente a propósito da mesma efeméride que hoje nos reúne: a data de seu falecimento. Peço licença para lê-lo:

Em nosso caderno de efemérides campineiras, na página destinada ao dia 27 de março, encontramos esta única nota: "1879: falecimento de Hércules Florence". Fiz ontem, portanto, cinquenta e oito anos que desapareceu dentre os vivos o extraordinário franco-campineiro, um dos gênios inventivos mais notáveis de que se tem notícia, primeiro estrangeiro, que constituiu família em Campinas, aqui vivendo a maior parte de sua existência, prestando múltiplos e assinalados serviços que tornaram o seu nome para sempre ligado à história de nossa cidade.

O exame da vida e da obra de Hércules Florence seria motivo para uma extensa série de artigos. Há muito, "pari passu" com as nossas pesquisas sobre a história campineira, vimos nos interessando pela vida e pela obra desse homem extraordinário e, se algum outro campineiro abnegado não quiser tomar-nos a dianteira, é possível que nós mesmos venhamos a divulgar pelas colunas deste jornal os resultados dos nossos estudos, cumprindo assim um compromisso que assumimos conosco, de tudo fazer para a reabilitação, para a reivindicação dos seus direitos e para que seu nome saia do completo e injusto olvido que o envolve, e assim os campineiros conheçam em sua realidade a vida de um dos maiores nomes da história de nossa terra.

E como gostaríamos de reclamar para ele, do nosso povo, das nossas instituições culturais e dos nossos poderes públicos, as honras não de um busto, mas de um monumento grandioso que lembre à posteridade como dos nossos vultos mais notáveis, o verdadeiro inventor da fotografia, da poligrafia, da pulvografia, da estereopintura, da arte de imprimir com tipos-sílabas e do papel inimitável, o genial criador da zoofonia, que conseguiu compreender e registrar a voz dos animais e que, ao seu espírito inventivo aliava extraordinário talento artístico, o verdadeiro patriarca da iconografia paulista.

Mas, como ainda estamos longe do término de nossos estudos, e não querendo deixar passar em branco a efeméride de ontem, vamos traçar ligeiramente a sua biografia, como homenagem ( talvez a única )

insignificante, mas sincera à memória daquele que, nascido numa encantadora cidade do sul da França, soube ser tão campineiro como se aqui nascesse e aqui tivesse seus antepassados, “servindo ao Brasil durante 54 anos, como filho dedicado, leal e ilustre, legando-lhe um patrimônio glorioso, e, mais do que todos os bens e haveres, uma família nobre pela origem, pelas tradições e por uma série ininterrupta de ações grandiosas e de feitos dignos de serem lembrados e laureados pela pena justa e imparcial do Historiador” ( Bourroul ).

Antônio Hércules Romualdo Florence nasceu aos 29 de fevereiro de 1804 na encantadora Nice, a “soberba e pacífica cidade das flores”, em cujo ambiente todo impregnado de aventura, atraído pelo mar, contemplando as embarcações que singravam as ondas mediterrâneas rumo ao oriente ou ocidente, passou toda a sua infância, criando em si aquele espírito inerente aos homens do mar, de arrojo, ousadia, aventura e tenacidade.

Profunda influência exerceu em seu espírito a leitura do **Robinson Crusóé**, de Daniel Defoe. “Li **Robinson**, escreveu ele em sua autobiografia, fiquei apaixonado pelas viagens e aventuras marítimas. Este gosto me deu o da geografia, e passava horas inteiras sobre um atlas bom que nós tínhamos. Não havia um ponto do globo onde não pretendesse ir algum dia. O Mediterrâneo me parecia muito pequeno e eu apenas pretendia percorrê-lo como se percorre um lago do país antes de o deixar”.

Aos dezesseis anos realizou o seu ideal, incorporando-se como grumete em um navio prestes a deixar Nice rumo aos Países-Baixos. Seu comandante deu-lhe uma carta de apresentação para uma casa de Antuérpia, a fim de lá se empregar e começar a própria vida. Decorreu-lhe a viagem maravilhosamente, mas chegando a Antuérpia, constatou que não havia emprego para ele, apesar da boa recomendação. Não pôde continuar a viagem com o navio, e este partido, ficou só, em uma cidade estranha e em vias de passar por grandes privações. Resolveu voltar a casa, na então distante Nice, e partiu a pé, via Bruxelas, Malines, Valenciennes, chegando a Paris no inverno de 1820. Da capital, encaminhou-se para Aix, onde chegou com auxílios recebidos de algumas almas caridosas e onde encontrou alguns parentes que o auxiliaram. E com outras tantas privações, conseguiu vencer a distância de Aix a Mônaco, onde, agora, estavam os seus pais.

Apesar da experiência por que passara, não perdeu a mania das viagens. Pouco depois partiu para Toulon a fim de se matricular em uma escola de marinha, e acabou sendo enviado a bordo do **Marie-Thérèse** para as costas da Espanha, então flageladas pela guerra de Fernando VII; participou do bloqueio de Barcelona e regressou a Toulon, capitulada aquela cidade. Mais de um ano ficou em Toulon continuando seus estudos e dedicando-se principalmente à pintura, para a qual mostrava natural tendência. Já nessa ocasião se manifestava seu gênio inventivo, assás precoce. Vivia preocupado com a invenção duma tal **Noria**, que, no dizer de Bourroul, outra coisa não era senão uma espécie de moto-contínuo.

Em fevereiro de 1824, à bordo da mesma **Marie-Thérèse**, partiu Hércules para o Atlântico e, depois de uma viagem de 45 dias, chegou ao Rio de Janeiro. Pôs-se desesperadamente à procura de um emprego sem encontrá-lo, e quando já se dispunha a prosseguir viagem, conseguiu com o francês Dillon um lugar em sua casa comercial. Mas seu espírito

irrequieto e observador não se adaptava ao meio acanhado de uma loja de fazendas; abandonou-a pouco depois e pensou em partir num vaso francês ancorado no porto. Mas, nesse mesmo dia conseguiu empregar-se com o livreiro Plancher, também seu compatriota; ali, o emprego lhe era melhor, pois ainda lhe sobrava tempo para os estudos em torno da famosa **Noria**; mostrou seu projeto a um oficial de marinha holandês, que depois de muito estudá-lo, disse-lhe que seu invento pecava contra as leis da hidráulica. Então Hércules abandonou-o de vez.

Em 1825, o czar Alexandre I, da Rússia, encarregou o cônsul russo no Rio de Janeiro, o cientista e explorador Barão de Langsdorff, de organizar uma grande expedição científica ao interior do Brasil, seguindo por Mato Grosso e regressando via Amazonas e Pará. Dessa expedição que teve o tão desastrado fim que conhecemos, faziam parte alguns sábios de grande reputação, tais como o botânico Riedel, mais tarde colaborador de Martius, o astrônomo Rubzoff, o zoólogo Christian de Hasse e o pintor Rugendas, que tão bem soube retratar a vida e a natureza brasileiras em quadros que alcançaram celebridade mundial. À última hora, porém, este desligou-se da expedição, sendo substituído por outro genial artista, Amado Adriano Taunay, o "benjamim" dos Taunay estabelecidos no Brasil com a missão artística de 1816, companheiro de Freycinet numa jornada circunavegação, espírito inquieto, a quem estava reservado o mais trágico fim nas águas revoltas do Guaporé, em Vila Bela, alto sertão de Mato Grosso.

No Rio de Janeiro, precisou Langsdorff de outro pintor e lançou anúncios por toda parte. O nosso Hércules Florence, estando um dia na livraria de Plancher, leu o referido anúncio e encaminhou-se rapidamente para o consulado russo, onde foi aceito como segundo desenhista da expedição, por nele haver Langsdorff notado alta inclinação artística.

A 3 de setembro de 1825 partiu a expedição do Rio para Santos. Hércules, porém, seguiu com alguns dias de antecedência, a fim de providenciar quanto à hospedagem e ao transporte para São Paulo de toda a bagagem da expedição. De Santos veio a São Paulo e depois a Jundiá, onde esperou os companheiros. Dias depois veio para Campinas, onde se demorou um mês e de onde partiu para Porto Feliz, enquanto a expedição seguia rumo a Itu a fim de se reunir no velho porto de Araritaguaba. Neste ínterim, foi Langsdorff chamado ao Rio de Janeiro, onde permaneceu quatro meses, nunca se soube bem por quê. E durante cinco meses, em Porto Feliz, hospedou-se Hércules Florence em casa de Álvares Machado, notável cirurgião que, mais tarde, muito se distinguiria nas lides parlamentares; ali conheceu sua filha Maria Angélica, a quem soube inculcar tão afetuosos sentimentos e a quem mais tarde tomou por esposa. Felizes decorriam-lhe os dias em companhia do ilustre médico e de sua digníssima filha.

Somente em fins de julho de 1826 pôde a expedição, reunida em Porto Feliz, singrar o Tietê, rumo aos sertões ignotos do Brasil. À hora da partida, deu-se um incidente desagradável: o zoólogo Hasse, que se apaixonara pela filha de Álvares Machado, recusou-se a seguir viagem, alegando ter de se casar com a filha de um dos moradores do lugar e, assim, desligou-se da expedição e despediu-se dos companheiros. Era a eterna despedida, pois meses depois, ante a recusa formal da jovem que, a todas as propostas, respondia que só se casaria com Hércules, Hasse, desesperado, suicidou-se.

Depois de sete meses e meio de viagem, chegou a expedição a Cuiabá. Ali cindiu-se em duas seções devido a um conflito com Langsdorff; este, Hércules e Rubzoff partiram para um lado, enquanto Riedel e Taunay seguiram para outro, rumo a Vila Bela, onde, tragado pelas águas do Guaporé, perdeu a vida o jovem artista, contando apenas 24 anos de idade. No alto sertão do Arinos, teve a expedição seu trágico fim: Rubzoff, atacado por incurável doença, inutilizou-se completamente; Riedel, também doente, nada mais pôde fazer e Langsdorff, cujo estado mental havia muito vinha causando preocupações, perdeu completamente a razão. Transportado, com os companheiros, para Belém e de lá remetido para o Rio e, depois, mandado para a Europa, faleceu internado num hospital de Friburgo, aos 29 de junho de 1852.

A Hércules Florence, um dos poucos sobreviventes, coube descrever a viagem, único relato existente da malograda expedição e que não se perdeu graças ao zelo e carinho do Visconde de Taunay que o traduziu e publicou nos tomos 38 e 39 da monumental e quase secular Revista do Instituto Histórico Brasileiro.

Voltando ao Rio, pouco ficou Hércules na capital do Império. Partiu logo para Itu, onde o esperava a família de Álvares Machado, com a filha dele casou-se a 4 de janeiro de 1830, em São Paulo, vindo logo em seguida fixar residência em Campinas. Aqui, iniciou nova fase de sua atividade, pondo a trabalhar seu gênio inventivo e artístico. Foi-lhe sempre d. Maria Angélica dedicadíssima esposa, compartilhando sempre da boa e da má sorte de seu esposo, até 1850, quando faleceu a 17 de fevereiro.

Nas suas viagens por Mato Grosso, teve Hércules a oportunidade de notar a impressão causada pela voz dos animais e as suas variações conforme as zonas e até as províncias. Isto lhe pareceu digno de estudo e então escreveu uma memória destinada a servir de base a uma nova ciência. Procurando um meio de imprimir a sua **Zoophonia**, descobriu em 1830 a poligrafia. Em 1832 descobriu a fotografia, sendo portanto o seu verdadeiro inventor, pois Daguerre, a quem é atribuída tão grande glória, só realizaria suas experiências em 1833. Aliás, já em 1831, Hércules, com ingredientes fornecidos por Correia de Melo, fabricou uma câmara escura com uma caixa de papelão, onde colocou uma lente, conseguindo, com este simples aparelho, várias fotografias, entre as quais uma da cadeia de Campinas, que ainda estava perfeita quinze anos depois, segundo nos relata Estêvão Bourroul. Ficou satisfeitíssimo com a sua invenção, no que foi animado pelo amigo; porém, ao ter notícia da descoberta de Daguerre anos mais tarde, caiu em profundo desânimo.

Tempos depois, o aparecimento de cheques falsos levou-o a trabalhar na invenção de um papel inimitável para uso dos bancos, conseguindo ótimos resultados em 1842. Em 1859 anunciou a invenção da estereopintura; entretantes, trabalhava ativamente no aperfeiçoamento da poligrafia e punha em prática a impressão com os chamados "tipos-sílabas". Em 1860, inventou a pulvografia ou impressão por meio do pó, conseguindo resultados satisfatórios, e nessa mesma época idealizou uma sexta ordem de arquitetura, a que deu o nome de "Palmiana".

A 4 de janeiro de 1852, contraiu Hércules segundas núpcias com dona Carolina Krug, filha de Henrique Krug, um dos primeiros

estrangeiros aqui estabelecidos. A Carolina Krug deveu Campinas a fundação do famoso **Colégio Florence**, que por muitos anos aqui existiu. Em 1855, após uma ausência de trinta, Hércules partiu a rever sua terra natal e ainda logrou encontrar a veneranda mãe. Voltando a Campinas, consagrou-se à vida rural, não abandonando, porém, as pesquisas científicas, apesar de todos os dissabores e desilusões que experimentou. E assim passaram-se os anos até 1879, quando, às três horas da tarde do dia 27 de março, faleceu na cidade onde residira mais de cinquenta anos, onde se casara e constituíra família numerosa, digna herdeira de seu nome — o nome de um homem de bem e de um sábio que, como ainda nos lembra Bourroul, em elevado grau honra o Brasil e a sua época.

Da grande obra de Hércules Florence apenas restam alguns de seus quadros, a relação sobre a viagem e a memória sobre a zoofonia que não se perderam devido ao Visconde de Taunay, seu grande admirador. O mais desapareceu ou está por desaparecer. Nenhum proveito pôde tirar do muito que trabalhou e seu nome jaz em completo esquecimento. A lembrá-lo, existe em Campinas apenas uma minúscula rua, que possivelmente muita gente não conhece.

Como escreveu o Visconde de Taunay no prefácio à **Zoophonia**, “o seu poder inventivo talvez tivesse trazido para seu nome invejável reputação, caso lhe corresse a vida em círculo mais vasto e próprio para que tivessem completa expansão todas as suas qualidades de perspicácia e paciência”. Mas, infelizmente, a Campinas daquela época não lhe pôde compreender os raptos do talento; porém, a história, por força lhe fará justiça, colocando-o em seu devido lugar, para honra e glória de todos os campineiros.

Devo uma explicação ao ilustre auditório e especialmente aos nobres descendentes de Hércules Florence que me honraram com o convite para falar nesta reunião tão significativa em que Campinas comemora o centenário do falecimento do verdadeiro inventor da fotografia. Poderá parecer ingenuidade minha atitude contando fatos de minha vida ou lendo modesto artigo publicado há quarenta e dois anos. Entretanto, foi intencionalmente que o fiz. Em primeiro lugar, porque quis mostrar como são antigas minhas preocupações e meu interesse por Hércules Florence. E em segundo lugar, para uma “mise-au-point” do problema, contrastando o que escrevi há mais de quarenta anos com o que escreveria hoje. Digo, com orgulho, que, a não ser para alguns fatos de que posteriormente vim a tomar conhecimento ou para a correção de pequenos lapsos, deixaria intacto meu artigo de 1937, subscrevendo-o em suas linhas gerais.

Todavia, dois pontos fundamentais realmente precisariam ser reestudados (e um deles já o vem sendo) à luz de novos elementos de investigação e pesquisa: seu verdadeiro papel na invenção da fotografia e o seu lugar na literatura de viagens. Quanto ao primeiro, prefiro remeter meus ouvintes ao belo livro há pouco publicado pelo dr. Boris Kossoy. Pesquisador incansável da história da fotografia, deve-se ao dr. Kossoy, conforme amplamente demonstrado em seu livro e em outros escritos publicados no Brasil e nos Estados Unidos, o reconhecimento, pelas mais

credenciadas entidades culturais do mundo, da prioridade do nosso Hércules Florence, na descoberta da fotografia.<sup>2</sup>

Minha única fonte para o modesto artigo de 1937 foi o livro de Estêvão Leão Bourroul, “estudo histórico-literário” publicado em 1900. De então para cá, avolumou-se consideravelmente o conhecimento em torno de Hércules Florence, mas não ainda o suficiente para que ele possa ser considerado um nome nacional. Livros como o dr. Boris Kossoy contribuirão para isto. E aos descendentes do grande franco-campineiro, depositários de seus preciosos originais, caberá, mais que a quaisquer outros, a tarefa de uma maior divulgação de sua personalidade, que está a reclamar uma biografia, não tão extensa quanto a de Bourroul, mas obviamente mais correta e capaz de interessar a uma soma maior de leitores. Reclamava no artigo de 1937 do descaso de Campinas por Hércules Florence, lembrando que apenas uma “minúscula rua” recordava seu nome; de então para cá, a situação não mudou muito: a “minúscula rua” foi prolongada, acrescentando-lhe mais umas três ou quatro quadras, mas continua ainda deficiente de uma série de melhoramentos; o monumento que pleiteava Campinas erigisse em sua memória teve sua realização num modesto busto à Praça D. Pedro II: herma em bronze sobre pedestal de granito, executado em São Paulo pelo escultor Vicente Laroca e inaugurado em 28 de fevereiro de 1963. Já é alguma coisa.<sup>3</sup>

Mas, onde mais significativa se mostra a “atualização de Hércules Florence”, afora a parte relativa à invenção da fotografia de que cuidou o dr. Kossoy, é no que se refere aos seus relatos de viagem.

Ao regressar, em 1829, da malograda Expedição Langsdorff, e antes de vir para São Paulo, onde deixara um coração saudoso e ansioso ( a filha de Álvares Machado, que conhecera em Porto Feliz, na viagem de ida ), Hércules Florence demorou-se algum tempo no Rio de Janeiro, e ali confiou aos cuidados de seu compatriota Félix Emílio Taunay os apontamentos da longa jornada que empreendera pelos sertões do Brasil. Félix Emílio era um dos integrantes da missão artística contratada por D. João VI para fundar no Rio de Janeiro uma Escola de Belas-Artes, e após o regresso de seu pai para a França, permaneceu no Brasil à testa da instituição de que fora um dos fundadores. Foi o pai do Visconde de Taunay, que, entretanto, só nasceria em 1843, quinze anos depois da

(2) Kossoy, Boris — **Hércules Florence, 1833: a descoberta isolada da fotografia no Brasil**. São Paulo, Faculdade de Comunicação Social Anhembi, 1977. Segunda edição, revista e aumentada: São Paulo, Duas Cidades, 1980.

(3) A velha Praça **D. Pedro II** teve recentemente seu nome alterado para **Silvia Simões Magro**, em memória desta grande educadora campineira. Homenagem justíssima e mais que merecida. Só não pareceu justo substituir o nome, já consagrado pelo tempo, de nosso segundo Imperador, quando o nome da saudosa professora poderia ser atribuído a outro logradouro, dos muitos ainda sem denominação, existentes na cidade.

passagem de Hércules Florence pelo Rio de Janeiro. Os apontamentos de Florence, ao que parece, ficaram perdidos por mais de quarenta anos, como que à espera de alguém que por eles realmente se interessasse. Assim, quis o destino que se associassem dois grandes nomes, pois coube ao futuro Visconde de Taunay promover a primeira publicação, não só do relato da viagem, como da memória sobre o registro da voz dos animais.

O interesse de Taunay em divulgar o texto encontrado em casa de seu pai foi tanto maior quando se considera que ele conhecera Hércules Florence em Campinas, quando de sua passagem por esta cidade, integrando, como oficial de Engenharia, a expedição que se celebrizaria pelos horrores da Retirada de Laguna e que em Campinas esteve acampada por mais de três meses no velho Largo de Santa Cruz. Confessa que o manuscrito que encontrou não era senão “um seguimento de rápidas notas e apontamentos tomados, para receberem, em trabalho completo e regular, todo o desenvolvimento desejável”. Assim mesmo, viu tanto interesse na narrativa que se animou a traduzi-la e publicá-la na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tendo tido, antes, o escrúpulo de consultar o autor que ainda vivia em Campinas:

“O autor desse jornal era o sr. Hércules Florence, que conheci pessoalmente quando em 1865 passei pela província de São Paulo, e que, ainda hoje em vida, reside na cidade de Campinas, onde se estabeleceu e formou numerosa e respeitada família. Sem demora, pois, escrevi-lhe e, além das informações que tão digno cavalheiro se apressou em fornecer-me, colhi a grata certeza de que, se os estudos técnicos e observações científicas da comissão se desencaminharam e para sempre desapareceram, a parte pitoresca dessa longa e curiosa viagem está toda escrita, ornada de mais de 30 desenhos e pronta, há quinze anos, para entrar no prelo em ocasião propícia”.

E apreciando o relato de viagem, continua Alfredo d'Escagnolle Taunay: “É livro de um viajante de boa fé que relata singelamente aquilo que vê e ouve contar. Seu estilo é desprezioso, sua frase ingênua por vezes; mas dessa simplicidade, dessa mesma chaneza nascem meios sobejos para bem pintar as grandes cenas da natureza, porque o coração do narrador impressionava-se fortemente, identificando-se com a magnitude daquilo que o abalava. Cauteloso nos seus menores juízos, abstém-se de referir tudo quanto não parecesse prender-se imediatamente aos episódios da viagem. É o peregrinar de um homem circunspecto e prudente, que busca ver todos os homens e coisas debaixo do ponto de vista mais favorável e de acordo sempre com o seu sentimento íntimo e honesto”.

O fato de ter sido publicado numa revista especializada e de circulação restrita não propiciou ao relato de Hércules Florence cair no conhecimento do público, pois sequer uma separata que pudesse aparecer

nas livrarias foi feita, limitando-se sua circulação aos sócios do tradicional sodalício fluminense e às bibliotecas às quais a revista do Instituto era enviada. E infelizmente, durante quase setenta anos, não ocorreu a nenhum editor tirar em livro o precioso relato. Foi preciso esperar até 1941 para que tal acontecesse, com a excelente edição da Companhia Melhoramentos de São Paulo, que reproduz integralmente a de 1875/76, trazendo, ainda, prefácios de Afonso de Taunay e de Ataliba Florence e mais de uma centena de ilustrações do próprio autor. Mereceu reedições em 1948, 1956 e 1977, esta última não mais pela Melhoramentos, mas pela Cultrix, em convênio com a Editora da Universidade de São Paulo. Esta nova edição substituiu os prefácios de Afonso de Taunay e Ataliba Florence por um de autoria do Professor Mário Guimarães Ferri, diretor da Editora da Universidade paulistana. Conservou, contudo, a introdução que o Visconde de Taunay escrevera para a edição do Instituto Histórico e que vinha figurando em todas as edições. Conservou, igualmente, todas as ilustrações das edições Melhoramentos e apresentou padrão gráfico em nada inferior às edições anteriores.<sup>4</sup>

Vinte anos depois de ter-se fixado em Campinas, entendeu Hércules Florence de reescrever o relato da Expedição Langsdorff. Os originais deste novo relato permaneceram inéditos até 1977, quando foram traduzidos por um seu descendente, Francisco Álvares Machado e Vasconcelos Florence e publicados pelo Museu de Arte "Assis Chateaubriand", de São Paulo, com anotações de Cláudia Vasconcelos Marino, Luís Lisanti, Lycurgo de Castro Santos Filho, Newton Carneiro e Thekla Hartmann. Tal como as edições anteriores (Melhoramentos e Cultrix) vem esta nova versão do texto florenciano enriquecida de numerosas estampas e, ainda, fotografias atuais de pontos outrora desenhados pelo pintor, trabalho este realizado por Boris Kossoy, a quem já me referi como incansável lutador em prol dos direitos de Hércules Florence à invenção da fotografia.

O novo texto, cujos originais encontram-se, juntamente com numerosos outros escritos de Hércules Florence, em poder de um dos seus descendentes, o preclaro amigo Arnaldo Machado Florence, é, praticamente um texto novo se o compararmos com o divulgado pelo Visconde de Taunay. Não se trata simplesmente de ser mais completo que o anterior, pois se muita coisa foi acrescentada, outras foram retiradas e a própria ordenação da matéria seguiu critério diferente. Na realidade, os dois textos se completam, o que se reveste de alta significação para os interessados em literatura dos viajantes que escreveram sobre nosso País. Lamenta-se apenas que, embora profusamente ilustrada, seja esta nova

(4) Matos, Odilon Nogueira de — **Bibliografia florenciana**, em "Notícia Bibliográfica e Histórica", nº 96, julho/setembro de 1979; pp. 157 a 160; **Os relatos de viagem de Hércules Florence**, em "Revista da Academia Paulista de História, nº 2, pp. 73 a 81, São Paulo, 1982.

edição tão mal cuidada sob o aspecto gráfico, prejudicando sensivelmente a obra. A tal ponto chegou o descuido de quem imprimiu o volume, que suas páginas ( quase duzentas ) nem foram numeradas...<sup>5</sup>

Como exemplo da diversificação dos dois textos, veja-se o que Hércules Florence escreveu sobre Campinas: Na versão primitiva lê-se: "Cidade nascente, bastante vasta, bem povoada, rica pela cultura em grande escala da cana-de-açúcar e pela fabricação do açúcar e da aguardente. Seus arrabaldes são agradáveis em razão dos sítios cultivados, multiplicidade de casas e engenhos de açúcar. O comércio sobrepuja ao das outras cidades próximas, com exceção de Itu. A concorrência traz a barateza das mercadorias". ( pág. 46 da Edição Melhoramentos, de 1948 ).

Em Campinas demorou-se Hércules Florence um mês e meio, seguindo depois para Itu e Porto Feliz, ponto de partida da expedição. Pois bem, vinte e três anos mais tarde, já residindo em Campinas, Florence reescreve o seu diário e retrata a cidade com estas palavras:

"Apesar de sua extensão, esta cidade desperta a atenção relativamente à ausência de sobrados, enquanto esparsas aparecem as casas que a compõem. Notam-se muros avermelhados, todos de taipa. Construíram-se, entretanto, diversas casas, o que levou o botânico Riedel a comparar São Carlos a uma nova Cartago. Afigurou-se-me honra demasiada, pois se São Carlos, então já com setenta e cinco anos de existência, se desenvolve mais do que as cidades das redondezas, seu progresso está bem longe de igualar-se ao das nascentes cidades dos Estados Unidos. Encerrada a excursão que com o sr. de Langsdorff empreendi por ampla área do território brasileiro, fixei-me em São Carlos; posso, portanto, ser mais exato na apreciação dessa cidade. Já se passaram vinte e três anos desde que a ela vim pela primeira vez, tomando como ponto de referência o momento em que isto escrevo. E há dezoito anos habito a localidade. No decurso de todo esse tempo, ergueram-se seis sobrados e cinqüenta ou sessenta casas térreas. Que representa isso, porém? Não se vê uma única torrezinha e, de tal sorte falta categoria arquetônica à igreja paroquial, que o estrangeiro, ao chegar, se surpreende penosamente... Há vinte e nove anos, começou a construção de um grande templo. Ela já devorou metade do tempo empregado na ereção de uma das maravilhas do mundo, ou seja, o templo de Salomão. E do de São Carlos, só existem as paredes e a cobertura. Essa massa, com sua triste cor de terra vermelha, porque aqui a taipa domina as construções, é grande por fora e desproporcionadamente alta. Todavia, penetrada a nave, sua pequenez surpreenderá ao visitante; como os arquitetos não utilizam a pedra e a cal para a construção, não colocam colunas nem pilares no corpo da igreja. Em

(5) Sobre esta edição de H. Florence, v., de Odilon Nogueira de Matos, Livro que não chegou a aparecer, em "Notícia Bibliográfica e Histórica", nº 102, pp. 131/132. Campinas, 1981.

seu lugar, levantam-se duas grandes paredes internas até o teto, para servirem de suporte às galerias e ao telhado; disso, resultam dois compridos e obrigatórios corredores laterais, que, sem utilidade alguma, diminuem marcadamente o corpo da igreja”.

Vê-se, pelas transcrições, que no novo texto nada há da descrição do primeiro.

Parece-me importante registrar que, ultimamente, vem a Expedição Langsdorff merecendo referências em outros países, a começar pela União Soviética, onde numerosas pesquisas têm sido levadas a efeito, embora nem sempre de maneira satisfatória e às vezes até com distorções da realidade. Foi o que, ainda há pouco, denunciou o Professor Vinício Stein Campos a propósito do livro de Manizer, publicado postumamente por N. G. Xprintsine, que lhe acrescentou tendencioso prefácio. Tal livro, divulgado entre nós em 1967 pela prestigiosa coleção “Brasiliana”, em tradução de Oswaldo Peralva, veio revelar quanto o etnógrafo russo, falecido em 1917, aproveitou-se — e nem sempre de maneira muito honesta — do relato do nosso Hércules Florence.<sup>6</sup>

“Sua exposição ( de Manizer ) — escreveu o ilustre museólogo paulista — límpida e serena, desprovida de interpretações tendenciosas, é um relato fiel das narrativas de Florence e de Langsdorff, bem discrepante da viciosa introdução perpetrada por Xprintsin na apresentação da obra, a qual não conseguiu livrar-se do pernicioso fanatismo ideológico com que o imperialismo russo de nossos dias procura infiltrar-se em todas as áreas culturais do mundo livre. Deslembrados de que Langsdorff, ao projetar sua aventureira excursão, e realizá-la, estava apenas animado do irrefreável desejo de conhecer o fascinante sertão brasileiro, sua geografia, sua fauna, sua flora, seus habitantes, trazendo-os, em primeira mão, ao conhecimento do mundo científico, — os rastreadores modernos de sua obra na Academia de Ciências procuram vinculá-la ao país da estrela vermelha, colorindo-a como expressão cultural de sua atual filosofia política. Bem ao contrário do pretendido, a expedição Langsdorff só contou, na sua equipe, com um russo, o oficial de marinha Rubzoff; seus demais integrantes, a contar do chefe, eram alemães e franceses. Isso não impediu os divulgadores do trabalho de Manizer de classificá-la como ‘expedição russa’ e para melhor

(6) Manizer, G. G. — **A expedição do Acadêmico G. I. Langsdorff ( 1821 — 1828 ) ao Brasil**. Edição póstuma org. por N. G. Xprintsin; trad. de Oswaldo Peralva. São Paulo, Editora Nacional, 1967 ( Col. “Brasiliana”, v. 329 ); **A expedição científica de G. I. Langsdorff ao Brasil, 1821 — 1829: catálogo completo do material existente nos arquivos da União Soviética**; ed. org. por D. E. Bertels, B. N. Komissarov e T. I. Licenko; coord. de L. A. Chur. Trad. e pesquisa bibliográfica de Marcos Pinto Braga, Brasília, Fundação Nacional Pró-Memória, 1981; Moura, Carlos Francisco — **A expedição Langsdorff em Mato Grosso**. Cuiabá, Imprinta Gráfica e Editora/Univ. Federal de Mato Grosso, 1984; Braga, Marcos Pinto — **Materiais da expedição científica do Acadêmico G. I. Langsdorff ao Brasil como fontes de História**, em “Memória da Quinta Semana da História”, pp. 67/74, Franca, 1984.

acomodá-la a esse caráter, mudaram o nome de Langsdorff para Grigory Ivanovitch Langsdorff".<sup>7</sup>

N. G. Xprintsin, em sua introdução, depois de várias inverdades, "fantasia um Langsdorff em luta com a sociedade brasileira da época, defensor dos silvícolas explorados pela ganância capitalista; arrola os viajantes e cientistas que visitaram nosso país como 'pesquisadores a serviço das nações imperialistas' e decreta, *ex-cathedra*, que esses estudos de classificação das tribos americanas não passam de mais uma prova cabal da lamentável 'debilidade da ciência burguesa'". E por aí afora.

Senhoras, senhores, dignos representantes da família de Hércules Florence. A celebração do centenário do grande franco-campineiro, que nesta noite se inicia, propiciará por certo a apresentação por competentes conferencistas das diversas facetas de sua invulgar personalidade. Um vasto programa poderá ser desenvolvido: Hércules Florence e a literatura de viagens, Hércules Florence e a descoberta da fotografia, Hércules Florence e a tipografia, Hércules Florence fazendeiro, com sua experiência nos primeiros ensaios de trabalho livre na província de São Paulo, Hércules Florence e as diversas experiências científicas a que se consagrou, Hércules Florence e os Taunay, Hércules Florence chefe de família, Hércules Florence cidadão campineiro... Enfim, pelo menos meia dúzia de temas a nos contar da vida e obra desse homem fora de série que, após suas aventuras pelos sertões brasileiros, escolheu nossa cidade para residência, aqui constituindo numerosa e honrada família proveniente de dois matrimônios, e aqui falecendo exatamente há um século. Não há de faltar, em Campinas, São Paulo ou alhures, pessoas bem mais credenciadas e capazes do que aquele que vos fala neste momento, para abordar, com erudição e propriedade, todos os aspectos mencionados e outros ainda que proventura possam ocorrer, para que possamos conhecer, com exatidão e de corpo inteiro, o homenageado desta noite. Para essa abordagem múltipla que estou imaginando, de sua vida e obra, esta desalinhavada palestra não pretende ser mais do que simples e modesta introdução.

\*

(7) Campos, Vinício Stein — Há 150 anos partia de Porto Feliz a Expedição Langsdorff, p. 2, em "Rev. Inst. Hist. Geogr. de São Paulo, v. 73. São Paulo, 1928.